



FORMAÇÃO ESTÉTICA E LITERATURA

Patrícia Cesário Pereira Official - UNIVALI

Resumo :Este artigo discute como a arte, em especial, a literatura, pode contribuir para a educação estética do sujeito principalmente no ambiente escolar. Tendo em vista que a literatura é arte, faz-se necessário observar que o texto literário possui uma função estética e que seu tratamento na escola necessita respeitar essa função mediante uma escolarização adequada do texto literário. As discussões que este artigo propõe tomam como referência a concepção da metodologia da literatura fruitiva, respaldada por Eco (2010), Culler (1999), Barthes (1987), Zilberman (1998), Zilberman e Rösing (2009), dentre outros. Os resultados apontam para algumas proposições acerca do ensino da literatura na escola e das contribuições que essa metodologia pode trazer para a formação estética dos sujeitos.

Palavras – chave – Literatura Arte. Saber Sensível. Formação do Sujeito. Estética.

Introdução

Por que escrever histórias? O professor José Pacheco e eu responderíamos: “Porque as histórias, como a poesia, são linguagem do coração. O coração as entende. E bate mais rápido...Uma história tem o poder de transformar uma pessoa. Ou mas precisamente: para abrir -lhe o segundo olho...O quando o segundo olho se abre o que se vê é ... uma criança...Esse é o lugar onde a educação se inicia. Assim nós dois pensamos...”

Rubem Alves (PACHECO, 2003, p. 12, prefácio).

Essas palavras de Rubem Alves podem ser consideradas um tanto românticas, sonhadoras, no entanto, o autor ao falar da “linguagem do coração” e do “segundo olho”, demonstra profunda sensibilidade e beleza. Esse encantamento conduz a refletir sobre os efeitos das histórias diante de uma literatura que promove a abertura para este saber sensível, despertando poder de transformar uma pessoa, independente da fase em que se encontra, pode ser uma criança, um jovem, um adulto, um idoso, pois quando o segundo olho se abre

[as] palavras fazem crescer o nosso corpo, crescer os nossos olhos, os ouvidos, o nariz, a boca...Tudo fica mais sensível. Odores novos, murmúrios não ouvidos, cores e gestos, mundos e submarinos que agora se vêem. (ALVES, 2004, p. 49)

Desse modo, de acordo com o autor, vive-se rodeado de beleza que aflora os sentimentos. Se olhar-se ao redor, perceber-se-á o quanto a natureza oferece de beleza nas cores, nas formas, nas texturas, nos cheiros, nos sons - fonte de inspiração para poemas,

histórias, músicas, obras de arte, etc. “A beleza, ou o sentimento, origina-se nos domínios do sensível, esse vasto reino sobre o qual se assenta a existência de todos nós humanos.” (DUARTE Jr., 2001, p. 163). Para esse pesquisador, a beleza habita na relação entre o sujeito e o objeto. No entanto, na ausência de um saber sensível e de uma formação estética, pode tornar-se limitada a percepção do sujeito diante de seu entorno.

Tendo em vista que a literatura é arte, faz-se necessário observar que o texto literário possui uma função estética. Nesse sentido, o presente artigo traz considerações pertinentes à formação estética e o ensino literário na escola.

A função estética da literatura

Eco (2010) em seus estudos amplia a discussão da função da literatura, pois, uma vez relacionada à estética, ela se instaura como objeto estético, e outra ótica é percebida na relação entre o autor e o público. Isso altera a forma de lidar-se com a literatura, seja no campo da pedagogia, seja na história da arte. O autor aponta, também, um olhar para o conteúdo de uma obra, que deverá ser orientado por meio da relação entre a arte e o mundo. Ao contrário de uma função utilitária, que reduz a obra aos pretextos, a função estética amplia os nossos sentidos e permite a contemplação da obra pelas vias artísticas. Por meio da abertura de uma obra literária, de acordo com Eco (2010), o sujeito pode ser levado a múltiplas possibilidades de interpretação, pois a obra aberta é inacabada, indefinida. E quanto mais a obra se abre para a multiplicidade, mais caminhos oferecem ao leitor.

Ao encontro dessa ideia, Calvino (1998), em seu livro *Seis propostas para o próximo milênio*, expressa que a literatura permite caminhos para diferentes “enxergamentos” de novíssimos ou antigos estilos e formas, surgindo diante desses olhares novas percepções da imagem do mundo. Segundo o autor, “o grande desafio para a literatura é o de saber tecer em conjunto os diversos saberes e os diversos códigos numa visão pluralística e multifacetada do mundo”. (CALVINO, 1998, p. 127). O autor desafia a refletir sobre a construção de uma obra literária a partir de cinco elementos, os quais fazem parte de uma proposta para este milênio: leveza, rapidez, exatidão, visibilidade e multiplicidade¹, todos entrelaçados na obra de forma precisa e milimetricamente calculados. Essa questão é trazida à baila, porque, por meio dessa obra, assim como de seus romances, passa-se a entender como a literatura é arte. A ficção

¹ Faz parte das propostas de Ítalo Calvino, além das cinco citadas, mais uma: a “consistência”. O autor, entretanto, faleceu antes de escrever sobre a sexta proposta.

composta por Calvino trata de levar o leitor a enxergar possibilidades dentro do impossível, do inalcançável, pois lida com o substrato da obra literária, com seu arcabouço, um projeto bem definido e acabado, o qual, na sua inteireza, interfere no imaginário, conduzindo, dessa forma, o leitor à fruição do texto. A construção literária proposta por Calvino permite perceber a literatura como arte, pois percorre uma linha estética e frutiva.

A partir da concepção de Barthes (1987), o texto da fruição provoca perplexidade, tira o leitor do estado de acomodação e leva-o a percorrer caminhos de questionamentos, de negação, de aflição, de estado de perda; derruba velhos pensamentos e crenças e corre em busca de um novo sentido. Quando isso ocorre, segundo Barthes (1987, p. 12), “[a] cultura retorna, portanto como margem: sob não importa qual forma”, pois permite a reflexão crítica, o pensamento mais elaborado do abstrato, como também a fruição estética por meio dos usos artísticos da linguagem. Jonathan Culler (1999) caracteriza a literatura da seguinte forma:

- colocação em primeiro plano da linguagem;
- integração da linguagem: forma e conteúdo;
- construção intertextual ou autoreflexiva;
- ficção;
- objeto estético.

A literatura como função estética, segundo Culler (1999), não conduz a um pensamento único, mas promove o caráter desinteressado, ensina a sensibilidade e as discriminações sutis. Ao conceber o indivíduo como “sujeito liberal”, a literatura desvincula-se de pretextos e assume a obra literária como “objeto estético”. A função estética da literatura permite ao leitor um “gozo”, que, para Barthes, não se confunde com prazer, mas, sobretudo, com a reação causada pelo embate entre obra e leitor.

Objetos estéticos, tais como as pinturas ou as obras literárias, com sua combinação de forma sensorial (cores, sons) e conteúdo espiritual (ideias), ilustram a possibilidade de juntar o material e o espiritual. Uma obra literária é um objeto estético porque, com outras funções comunicativas inicialmente postas em parênteses ou suspensas, exorta os leitores a considerar a inter-relação entre forma e conteúdo. (CULLER, 1999, p. 39).

Nesse aspecto, o autor esclarece que a literatura é arte, e, dessa forma, o livro torna-se um objeto estético, pois permite ao leitor funções comunicativas que levam à fruição - esta entendida como uma sensação estética, que pode ser de perda, de conflito, de desconstrução.

Para Neitzel (2006), quanto mais acesso aos livros, mais possibilidade tem um indivíduo de compreender o mundo e o seu contexto, pois a leitura promove “enxergamentos” que ampliam o conhecimento e o autoconhecimento. Quando ouvimos que ler é dar asas à imaginação, é porque a leitura tira-nos de uma realidade para que, longe dela, possamos compreendê-la e, conseqüentemente, modificá-la. Nesse sentido, Nietzsche (2000, p. 150) diz: “Aquele que um dia ensinar os homens a voar, destruirá todas as barreiras, para ele as próprias barreiras voarão pelos ares”. Barreiras que podemos chamar de cegueira intelectual, consciência confusa, ou alienação. O sujeito que não se insere em sua realidade, e a literatura é uma forma de inserção, pode estar distanciando-se de seu entorno, e, ao afastar-se do seu entorno, estará afastando-se de si próprio.

Diante disso, compreendemos a importância da literatura no processo do desenvolvimento do ser. “A literatura – quero dizer, aquela que responde a essas exigências – é a Terra prometida em que a linguagem se torna aquilo que na verdade deveria ser.” (CALVINO, 1998, p. 72). Por meio dessa ideia, percebemos o valor de uma boa obra literária para o leitor. Como diz o autor, o que não há na terra, a literatura dá conta de fazer existir.

Conforme os estudos dos autores acima, percebemos que a literatura arte está relacionada à formação estética do ser humano, cabe-nos, no entanto compreender como essa obra literária entra na escola e de que forma vem sendo explorada.

O ensino da literatura, uma problemática

Nessa altura se abre a discussão. Acontecimentos personagens ambientes sensações tudo é expulso para dar lugar aos conceitos gerais.

- O desejo polimorfo-perverso...

- As leis da economia de mercado...

- A homologia das estruturas significantes...

- O desvio e as instituições...

- A castração...

Só você permaneceu ali suspenso, você e Ludmilla, pois ninguém mais pensa em retomar a leitura.

Você se aproxima de Lotaria, estende uma das mãos para as folhas soltas diante dela e pergunta:

- Posso? – Você procura apropriar-se do romance. Mas aquilo não é um livro, é um caderno rasgado. E o restante? – Desculpe, estou procurando as outras páginas, a continuação.

- A continuação?...Ah, mas aqui já existe o suficiente para um mês de discussão, não acha?

- Não era para discutir, era para ler.

Ítalo Calvino (2011, p. 95).

Retirada do livro *Se um viajante numa noite de inverno*, a epígrafe acima conduz a reflexão sobre a questão do utilitarismo do texto em sala de aula. São palavras fortes, mas que caracterizam de certa forma a literatura escolarizada de forma inadequada em que, no sentido

literal da palavra, espanta toda imaginação e sensibilidade que uma obra pode produzir no leitor. Segundo Zilberman,

O professor que se vale do livro para veiculação de regras gramaticais ou normas de obediência e bom comportamento oscilará da obra escrita de acordo com um padrão culto, mas adulto, àquela criação que tem índole edificante. (ZILBERMAN, 1998, p. 23).

A autora cita, também, que a literatura como mero instrumento pedagógico, esquecida sua função estética, está ancorada na perspectiva de um processo de escolarização inadequada. Isso ocorre por uma série de acontecimentos ligados à concepção educativa, com raízes na idade média, em que as crianças eram tidas como adultos em miniatura. Com os tempos modernos, surgiu a preocupação com a educação infantil. Contudo, investiu-se em materiais pedagógicos, entre eles o livro didático, com a função de educar e moralizar. Nessa perspectiva, conforme Aguiar (1999), o texto torna-se restrito e unilateral, objetivando uma postura autoritária, dominadora ou protetora por parte dos adultos para com os jovens. Para a autora, “[...] aqui se localiza o grande problema da literatura infantil: ter surgido comprometida com a educação, em detrimento da arte”. (AGUIAR, 1999, p. 243).

Zilberman e Rösing (2009), em *Escola e Leitura*, comparam o seu antigo texto *Leitura em crise na escola* ao atual. Nas releituras as autoras percebem, desde seus escritos, há vinte e cinco anos, que ocorreram mudanças significativas na economia, nas estruturas educacionais, nos meios de comunicação, na tecnologia, facilitando a vida das pessoas. O mundo avançou de forma geral. Mas as pesquisadoras concluem que “tudo mudou para melhor, só não a escola, com suas consequências: a aprendizagem dos alunos”. (ZILBERMAN; RÖSING, 2009, p. 13). As autoras apontam, também, que o fracasso escolar pode ser vencido com a literatura, pois a literatura leva a caminhos de descobertas, de conhecimento, de compreensão de sua realidade. “Leitura e escola talvez devam recorrer à literatura para retomar seu rumo e reavaliar seus respectivos propósitos.” (ZILBERMAN; RÖSING, 2009, p. 29). Segundo as autoras, há trinta anos, aqui no Brasil, o acesso à literatura nas escolas era na grande maioria, ou mesmo somente, pelas vias dos livros didáticos que chegavam ao país em 1934, no governo de Getúlio Vargas. Pouco antes, em 1929, com a criação de um órgão específico que passou a legislar sobre a política do livro didático, teve início o Instituto Nacional do Livro (INL). Sendo assim, é necessário compreender os caminhos que o ensino literário percorreu aqui no Brasil, para então situarmos com maior clareza de onde veio e para onde vai o ensino da literatura.

Pois bem, se a literatura entrou no Brasil por meio do livro didático, foi para atender a demanda de uma época. Hoje o caminho poderia ser outro, mas de acordo com pesquisas não avançamos tanto quanto poderíamos.

Guimarães (2010) traz os dados que mostram que o Brasil ainda tem um longo percurso rumo a um país de leitores. O programa de Avaliação Internacional dos Alunos da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE), em teste recente, demonstrou que a China (Xangai) está em primeiro lugar, apresentando 556 pontos no campo da leitura. A Finlândia está em terceiro lugar a nível mundial, e em primeiro entre os países europeus, com 536 pontos em leitura. O Brasil está em 53º lugar entre os 65 países participantes, com 412 pontos em leitura.

Devido à deficiência no campo da leitura, percebe-se um aumento considerável na quantidade de iniciativas de promoção à leitura nesses últimos anos. Para Zilberman,

[...] multiplicaram-se as iniciativas de promoção da leitura. São medidas que vão de iniciativas simples, como os poemas nas janelas dos ônibus urbanos de Porto Alegre, que se espalham por outras cidades brasileiras, a programas governamentais mais ambiciosos, como o Programa Nacional da Biblioteca Escolar, que distribui milhões de livros didáticos às escolas do País. (ZILBERMAN; RÖSING, 2009, p. 62).

Com a crise na leitura, surgem novos programas, iniciativas como forma de acordar um povo que parece ter fechado os olhos para a leitura do literário. O programa que distribui livros didáticos para todas as escolas do país faz bem seu papel. A preocupação agora é o que fazer para formar leitores do literário, pois, segundo Barthes (1987, p. 63): “Hoje, na cultura de massa, grande consumo de “dramáticos”, pouca fruição”. Essa conclusão do autor refere-se à cultura francesa, porém se aplicaria muito bem à cultura brasileira em tempos atuais. Pergunta-se, então: Qual a postura da escola frente a esse consumo? Há de preocupar-se como a escola vem explorando este objeto de arte que é o livro literário, e quais caminhos o conduzem até o aluno.

Conforme a pesquisa de Fabiana Henrique (2011), cujo objetivo era identificar como os livros didáticos de alfabetização aprovados pelo Plano Nacional do Livro Didático (PNLD) apresentam os textos literários e que tipo de atividades rodeiam esses textos, a autora concluiu que, apesar da frequência constante desse tipo de texto nos livros didáticos analisados, eles assumem uma função utilitarista. De acordo com Henrique (2011), apenas 30% dos livros analisados tratam o texto literário de forma adequada, ou seja, como arte, levando o leitor a percebê-lo fruitivamente, se bem trabalhados pelo professor. Sendo assim, a autora alerta para

uma maior preocupação com o leitor, pois, da forma como o texto literário é conduzido, pode-se aproximar ou afastar o leitor desse tipo de texto.

De fato o livro didático exerce um importante papel na sala de aula, no que se refere ao texto literário, podemos afirmar que se trata de um mediador entre a leitura literária, o docente e o aluno. Logo, compreendemos que o livro didático é um poderoso instrumento na formação de leitores literários, cabendo a ele não apenas ensinar a língua, mas também possibilitar uma experiência estética, instigando o gosto refinado pela literatura. (HENRIQUE, 2011, p. 61).

Ao entrar na escola, o texto literário era, comumente, utilizado para realizar atividades vinculadas ao texto ficcional propriamente dito, o que o levaria a servir a propósitos educacionais restritos. É o exemplo de fichas de leitura, em que se tinha que descrever os fatos, as personagens e as situações as quais compunham toda a história. Os alunos eram conduzidos, muitas vezes, a mesma interpretação. Outro exemplo era a exploração de formas linguísticas que auxiliavam modelos de normas gramaticais cultas; e, ainda, o uso dos textos para incentivar as redações e aumento de vocabulário. Os livros eram lidos acompanhados de um dicionário. Quem não se lembra dos textos de Machado de Assis, Rui Barbosa, Euclides da Cunha e tantos outros circulando sobre as carteiras? Não desconsiderando os escritores, pelo contrário, essas obras consagradas mereciam e merecem ser tratadas com fins de apreciação, como um objeto estético, pois como tal é arte. Nesse sentido, Perrotti orienta:

Se o leitor dá a obra um caráter utilitário, tal fato não significa que ela tenha sido construída segundo parâmetros pragmáticos, como ocorreria, por exemplo, com as obras didáticas em geral. Daí a distinção feita por Cecília Meireles ao afirmar que a Beleza pode ser útil em seu aproveitamento e não no seu aparecimento. Não é, pois a obra que se mostra utilitária, mas o uso que dela faz o leitor. E, é claro, neste nível, é direito de cada um proceder como ache melhor. Pode se lamentar o fato de a literatura estar sendo usada para finalidades que não sejam próprias da arte. (PERROTTI, 1986, p. 19).

O autor lamenta o caráter utilitário da literatura na escola, e de acordo com Perrotti, esse modelo já se discutia na década de 20, com a entrada das obras de Lobato. Apesar de se perceber os pretextos educativos nas obras de Lobato, já se podia observar uma preocupação com o estético devido à sua sensibilidade criadora. Contudo, não foi o suficiente para alterar uma concepção utilitarista. Nesse caminho, mesmo que não com tanto impacto, Lourenço Filho, na década de 30, também manifestava preocupação com o discurso estético, e, assim, sucessivamente, Lúcia Miguel Pereira, na década de 40, Fernando Azevedo, na década de 50. No entanto, somente por volta da década de 70, que essa discussão tomou maior proporção no

campo literário. Todavia, Perrotti alerta que, apesar de as discussões evoluírem na década de 70, o movimento dos debates e estudos permanecem ainda na teoria:

A partir dos anos 70, todavia, a situação tenderá à mudança, ainda que esta mudança diga a respeito mais à esfera da criação que da circulação propriamente dita. Articula-se, nesse momento, um novo discurso que nega o utilitarismo e assume um compromisso diferente, de caráter estético. O país é outro, o jogo das forças sociais é outro, há público para um tipo de discurso que não é utilitário. (Perrotti, 1986, p. 150).

A partir da década de oitenta, outras discussões no campo literário ocorreram. Passou-se a questionar o texto como discurso utilitário e como discurso estético. Novas tendências formavam-se junto com uma nova sociedade e com a ampliação do mercado editorial. Mas a prática utilitária de uma obra literária ainda é percebida em muitas de nossas escolas, segundo pesquisa desenvolvida por Neitzel de 2005 a 2006, com grupos de formação de professores de escolas da Rede Municipal de Santa Catarina. Segundo a autora, os problemas encontrados são o pouco uso da literatura de forma frutiva; o restrito acesso dos livros aos alunos; e docentes com pouca diversidade de leitura. “Contra-pondo-se à fruição que o livro é capaz de causar, a escola aborda a literatura unicamente como fonte de saber, tornando pesada e difícil.” (NEITZEL, 2005, p. 209). Portanto é necessário,

Uma educação que reconheça o fundamento sensível de nossa existência e a ele dedique a devida atenção, propiciando o seu desenvolvimento, estará, por certo, tornando mais abrangente e sutil a atuação dos mecanismos lógicos e racionais de operação da consciência humana. (DUARTE JR., 2001, p. 171).

O autor aponta para uma educação estética do sensível na formação do ser. Ele traz a necessidade de a educação lançar um olhar a este saber, que por tanto tempo foi menosprezado por conta da supervalorização do inteligível desde a modernidade. A literatura arte, no entanto contribui para a formação estética do sujeito, pois lida com esse saber sensível e amplia sua visão de mundo, que o faz compreender o sentido dos fatos tornando o sujeito mais crítico. Para exemplificar trago Bartolomeu Campos de Queirós, escritor brasileiro de livros infanto-juvenis, que relata em uma entrevista no *Youtube* um pouco de sua vida e sua infância. Ao falar de sua mãe, seus olhos iluminam-se ora de alegria, ora de tristeza; pois conta que a mãe sofria de câncer e no auge de sua dor, sentava-se na cama e cantava. “Cantava maravilhosamente bem, e nesse momento todos sabiam que a dor era imensa”. (YOUTUBE, 2009). O autor reconhece a influência da mãe em sua literatura, porque, quando a dor do autor é grande, ele sente a necessidade de escrever. Suas palavras são, assim,

expressões da alma, das emoções. Percebe-se no autor uma extrema sensibilidade. Esse saber sensível é levado, assim, aos livros, pois suas histórias trazem o seu mundo, as suas vivências. Dessa forma, ao lidarmos com o texto literário apenas para extrair dele lições do ensino da língua, ou ainda medir a capacidade de decodificação dos alunos, perde-se seu caráter ficcional e a chance de dialogar com o livro.

Lígia Chiappini (2005), em seu livro *A reinvenção da catedral*, discute o uso do livro didático e aponta para a diferença do uso dos textos no ambiente escolar. A autora afirma que cabe o uso de textos informativos em sala de aula para refletir sobre a língua e seus usos, e alerta que uma obra literária não deve ser tratada da mesma maneira que os demais textos. Aquela precisa ser respeitada na sua essência, e essa distinção entre textos literários e não literários deve ser trabalhada com os alunos.

Se a literatura foi útil em outras épocas para o ensino de componentes curriculares, atendendo às demandas de uma escola que poucos livros dispunham, hoje, já não se insere como tal, vive-se em outros tempos, com outras ideias e concepções. Diante disso a escola deveria abrir suas portas para experiências artísticas, proporcionando aos alunos o contato com as obras literárias, música, teatro, obras de arte, desencadeando sentimentos e emoções, valorizando dessa forma a formação estética do sujeito.

Algumas Considerações

Quanto mais o sujeito lê mais possibilidades tem de compreensão de seu entorno e de si próprio, pois a literatura pode proporcionar, além dos momentos de prazer, o desenvolvimento das habilidades cognitivas e uma consciência mais humana. Diante disso, ensinar exige uma formação estética, pois se percebe a grande importância, e, de certa forma, urgência, de um saber sensível na profissão docente. Sensibilidade esta que com o passar dos anos foi sendo deixada de lado, e que, hoje, se pode reconhecer a falta que ela trouxe, e ainda traz, principalmente na educação. Não há como separar a profissão docente de uma formação do sensível, pois é na relação estética do aluno, professor e aprendizagem que se manifestam as competências e desenvolvem-se as habilidades.

Ao chegar às reflexões que contemplam esse artigo, verifica-se que muitos caminhos e olhares poderão contribuir ainda mais para com o tema proposto, visto que apesar de iniciar suas discussões desde a década de 70, e prosseguindo nos tempos de hoje, sempre se pode melhorar, acrescentar e enriquecer o estudo, nesse caso a literatura como arte.

REFERÊNCIAS

ALVES, R.. **Ao professor, com o meu carinho**. 5. ed. Campinas, SP: Verus, 2004.

BARTHES, R. **O Prazer do Texto**. Tradução J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1987.

CALVINO, Í. **Seis propostas para o próximo milênio**: lições americanas. Tradução Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. **Se um viajante numa noite de inverno**. Tradução Nilson Moulin. Companhia das letras, 2011.

CHIAPPINI, L. **Reinvenção da catedral**: língua, literatura, comunicação: novas tecnologias e políticas de ensino. São Paulo: Cortez, 2005.

CULLER, J. **Teoria Literária**: uma introdução. Tradução Guardini T. Vasconcelos. São Paulo: Beca Produções Culturais Ltda, 1999.

DUARTE JR., J. F. **O sentido dos sentidos a educação (do) sensível**. Curitiba, PR: Criar, 2001.

ECO, H. **Obra aberta**. São Paulo: Perspectiva, 2010.

HENRIQUE, F. **O livro didático em análise**: a literatura em foco. Dissertação (Mestrado em Educação) – Curso de Pós-Graduação stricto Sensu, Universidade do Vale do Itajaí, Itajaí, 2011. No prelo.

NEITZEL, A. de A. Sensibilização poética: educar para a fruição estética. *In*: SCHLINDWEIN, L. M.; SALGADO, A. P. (Orgs.). **Estética e Pesquisa**: formação de professores. Itajaí, SC: UNIVALI; Maria do Caio, 2006. (Coleção Plurais Educacionais n. 2).

_____. **Educação e diversidade**: Contribuições para uma educação inclusiva. Itajaí: UNIVALI, 2005

PERROTTI, E. **O texto sedutor na literatura infantil**. São Paulo: Ícone, 1986. (Coleção Educação Crítica).

PACHECO, José. **Sozinhos na Escola**. 1. ed. São Paulo: Didática Suplegraf, 2003.

YOUTUBE. YouTube, LLC. Bartolomeu Campos de Queirós: Memórias da Literatura infantil e juvenil. Maio de 2009. Disponível em: < http://www.youtube.com/watch?v=1-z-8O31_qc&feature=related>. Acesso em: 15 abril 2011.

ZILBERMAN, R. **A literatura infantil na escola**. 10. ed. São Paulo: Global, 1998.

ZILBERMAN, R.; RÖSING, T. M. K. (Orgs.). **Escola e leitura**: velha crise, novas alternativas. São Paulo: Global, 2009.